

O USO DAS TIC NA INCLUSÃO SÓCIO LABORATIVA DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E/OU OUTRAS DEFICIÊNCIAS¹

THE USE OF ICT IN THE SOCIO-OCCUPATIONAL INCLUSION OF THE PERSON WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER AND/OR OTHER DISABILITIES

EL USO DE LAS TIC EN LA INCLUSIÓN SOCIOLABORAL DE LA PERSONA CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA Y/U OTRAS DISCAPACIDADES

Moacir de Souza Júnior ²
Fernando Luís de Sousa Correia ³
Zuleide Fernandes de Queiroz ⁴

Manuscrito recebido em: 07 de dezembro de 2020.

Aprovado em: 26 de maio de 2021.

Publicado em: 27 de maio de 2021.

Resumo

O estudo investigou o tema da inclusão sócio laborativa da pessoa com Transtorno do Espectro Autista e/ou outras deficiências junto a 10 indivíduos com idades entre 16 a 36 anos que, além de matriculados também frequentavam a instituição Casa da Esperança. Os objetivos foram: a) identificar o uso das TIC no ambiente educacional como contribuição para o processo de aprendizagem; b) como o uso das TIC pode contribuir para a inclusão sócio laborativa. Para tal, foi realizada uma pesquisa de base qualitativa de cunho etnográfico. Os dados foram colhidos em um recorte de tempo entre os meses de agosto e outubro de 2014. A organização educacional foi escolhida pelo seu trabalho com crianças, adolescentes e jovens com TEA e/ou outras deficiências. O critério para que os alunos participassem da pesquisa é que os mesmos frequentassem a sala de informática. Participaram também 03 indivíduos que além de frequentarem a organização, são

¹ Este artigo caracteriza-se em um estudo que fez parte da pesquisa da dissertação de mestrado intitulada “Inovação Pedagógica: o uso de TIC na inclusão sócio-laborativa de pessoa com necessidade especial”, pela Universidade da Madeira. Funchal-Portugal. 2015.

² Doutor em Ciências da Educação pela Universidade da Madeira/Portugal. Técnico de Nível Superior no Instituto Agropolos do Ceará.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7612-2034>

Contato: msjunior0902@gmail.com

³ Doutor em Ciências da Educação pela Universidade da Madeira. Professor Curso de Pós-graduação em Ciências da Educação da Universidade da Madeira/Portugal. Investigador do Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9960-9419>

Contato: fernandoc@staff.uma.pt

⁴ Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará, com Pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Docente no Programas de Pós-Graduação Profissional em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Regional do Cariri; Professora no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável da Universidade Federal do Cariri. Professora na Faculdade de Medicina de Juazeiro do Norte.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3174-4750>

Contato: zuleidefqueiroz@gmail.com

sujeitos que trabalham na instituição, fazendo uso das TIC e as utilizam no desenvolvimento de suas ações laborativas. A ferramenta utilizada para coleta de informações foi o uso de questionário semiestruturado, contendo dezesseis questões, no qual se buscou conhecer o perfil do discente, seu nível educacional, idade e tipo de deficiência, acesso às TIC, utilização da sala de informática, uso de jogos educativos, se sofreu algum tipo de preconceito e/ou estigma, atuação ou não no mercado de trabalho. Como conclusão, a pesquisa oferece elementos que ainda é necessário trabalhar para que o processo de inclusão sócio laborativa seja uma realidade maior para as pessoas com deficiência.

Palavras-chave: Aprendizagem; Etnografia; TIC.

Abstract

The study investigated the topic of socio-labor inclusion of the person with autism spectrum disorder and/or other disabilities with 10 individuals aged between 16 and 36 years who, in addition to being enrolled in the institution, were also attending the institution Casa da Esperança. The objectives were: a) to identify the use of ICT in the educational environment as a contribution to the learning process; b) how the use of ICT can contribute to social and labor inclusion. To this end, a qualitative research of an ethnographic nature was carried out. The data were collected over a period of time between August and October 2014. The educational organization was chosen for its work with children, adolescents and young people with ASD and/or other disabilities. The criterion for students to participate in the research is that they attend the computer room. There were also 03 individuals who, in addition to attending the organization, are subjects who work at the institution, making use of ICT and those who use it in the development of their work activities. The tool used to collect information was the use of a semi-structured questionnaire, containing sixteen questions, in which it was sought to know the student's profile, their educational level, age and type of disability, access to ICT, use of the computer room, use of educational games, if you have suffered some kind of prejudice and/or stigma, whether you work in the job market or not. In conclusion, the research offers elements that still need to be worked on so that the process of social and labor inclusion is a greater reality for people with disabilities.

Keywords: Learning; Ethnography; ICT.

Resumen

El estudio investigó el tema de la inclusión sociolaboral de la persona con Trastorno del Espectro Autista y/u otras discapacidades con 10 individuos de entre 16 y 36 años que, además de estar inscritos en la institución, también asistían a la institución Casa da Esperança. Los objetivos fueron: a) identificar el uso de las TIC en el ámbito educativo como una contribución al proceso de aprendizaje; b) cómo el uso de las TIC puede contribuir a la inclusión social y laboral. Para ello, se realizó una investigación cualitativa de carácter etnográfico. Los datos fueron recolectados durante un período de tiempo entre agosto y octubre de 2014. La organización educativa fue elegida por su trabajo con niños, adolescentes y jóvenes con TEA y/u otras discapacidades. El criterio para que los estudiantes participen en la investigación es que asistan al aula de informática. También participaron 03 personas que, además de asistir a la organización, son sujetos que laboran en la institución, haciendo uso de las TIC y quienes las utilizan en el desarrollo de sus actividades laborales. La herramienta utilizada para la recolección de información fue el uso de un cuestionario semiestruturado, conteniendo dieciséis preguntas, en el que se buscó conocer el perfil del estudiante, su nivel educativo, edad y tipo de discapacidad, acceso a las TIC, uso del aula de informática, uso de juegos educativos, si ha sufrido algún tipo de prejuicio y/o estigma, tanto si

trabaja en el mercado laboral como si no. En conclusión, la investigación ofrece elementos en los que aún hay que trabajar para que el proceso de inclusión social y laboral sea una realidad mayor para las personas con discapacidad.

Palabras Clave: Aprendizaje; Etnografía; TIC.

Considerações Iniciais

A escola é um local de ensino e de aprendizagem. Mas, ao mesmo tempo, é um lugar que representa um passo na vida democrática, que se faz presente na busca por uma convivência solidária, participativa e tolerante. Por mais que ela tenha se modernizado, ainda se encontra muito aquém de se assumir como algo moderno, evoluído. Ela continua a se manter de forma tradicional, onde as práticas pedagógicas continuam a ser exercidas de forma ainda bastante arcaica, em que apenas o docente sabe o conteúdo e, o aluno um mero receptáculo.

A educação, aqui se referindo à escola formal, sofre de igual modo todas as influências da sociedade: seu desenvolvimento social, político, econômico, tecnológico e cultural. Assim, quando se trata de incluir as novas tecnologias no ambiente escolar, ela não configura algo dissociado da sociedade, muito pelo contrário; faz parte de um contexto sócio-histórico que surge como parte dos avanços criados pelo homem e utilizados nas suas diversas formas de convivência.

Ao entender a escola como espaço de formação integral compreendemos que ela tem um papel de grande importância no atual cenário econômico, pois ela tem a possibilidade de discutir com toda a sociedade condições de criar um novo olhar sobre a educação que queremos para nossos filhos e alunos, na qual visamos uma população que seja mais crítica e que possa atuar nos mais diversos campos de trabalho.

Entendemos que o autismo é um transtorno que afeta de forma significativa a socialização, o comportamento e a comunicação do sujeito acometido por essa síndrome. Diante disso, o Manual MSD (2021, s/p.) em sua versão para os profissionais de saúde indica que:

transtornos do espectro autista são distúrbios do neurodesenvolvimento caracterizado por deficiente interação e comunicação social, padrões

estereotipados e repetitivos de comportamento e desenvolvimento intelectual irregular, frequentemente com retardo mental. Os sintomas começam cedo na infância. Na maioria das crianças, a causa é desconhecida, embora, em alguns casos, existam evidências de um componente genético ou uma causa médica. O diagnóstico é baseado na história sobre o desenvolvimento e observação. O tratamento consiste no controle do comportamento e às vezes tratamento medicamentoso.

Entender o conceito é de grande importância para compreender o universo muito peculiar que envolve as pessoas com TEA. E, o mundo escolar não fica atrás. Ao incluir um aluno com TEA na escola, abrimos às portas para um processo inclusivo, onde as diferenças são respeitadas, ao mesmo tempo em que se promove uma aprendizagem voltada para atender às necessidades especiais de cada sujeito inserido dentro do ambiente escolar.

Verificamos que muitos sujeitos que apresentam algum tipo de necessidade especial e que quando inseridas dentro do contexto escolar conseguem obter um desenvolvimento, mesmo que este se apresente de maneira quase imperceptível, mas que para esse aluno e também para sua família isso representa a possibilidade de que o indivíduo com TEA possa enriquecer sua socialização, além de proporcionar descobertas de novas aprendizagens e, quiçá, novos comportamentos.

Nesse sentido, a educação do sujeito com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outras deficiências vem sofrendo ao longo de todo o processo histórico uma série de modificações. Entretanto, existe muito a fazer, já que se faz necessário revisitar novas ações pedagógicas que podem alavancar a construção do conhecimento dessa população. Mesmo tendo um modelo de inclusão apregoado pelos documentos oficiais, percebemos que a escola ainda se encontra muito distante de uma base inclusiva. Ela deve se transformar para acolher essa população. O que temos acompanhado é a difícil construção de uma educação e uma sociedade inclusiva.

Diante disso Laplane APUD Glat (2007, p.27-28) aponta para a seguinte afirmação:

Um dos principais empecilhos à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no contexto escolar comum é o fato de a escola privilegiar, na prática, a ideia de “prontidão”, preparação ou qualificação prévia do sujeito para estar incluído em uma determinada turma, senão as necessidades que ele terá para aprender o que é proposto para os demais alunos dessa turma. Para que uma escola se torne inclusiva, deverá haver o reconhecimento de que alguns alunos necessitarão mais que outros de ajudas e apoios diversos para alcançar o sucesso de sua escolarização. Essa postura representa uma mudança na cultura escolar.

Pois, sem a organização de um ambiente mais favorável ao atendimento das necessidades dos alunos que precisam de estratégias e técnicas diferenciadas para aprender, qualquer proposta de Educação Inclusiva não passa de retórica ou discurso político.

As necessidades especiais educacionais devem estar inseridas dentro da educação inclusiva, objetivando a construção de um ambiente de aprendizagem mais tolerante, onde todos possam conviver de forma harmônica, visando à interação de todos os envolvidos na busca por um mundo mais solidário, mais fraterno e com mais igualdade, já que todos nós fazemos parte de uma mesma sociedade, de um mesmo planeta, que apesar das diferenças existentes entre todos, podemos realmente aprender uns com os outros.

Dialogando com Carvalho (1998), entendemos a escola como um espaço de inclusão, que deve estar aberto a processo de reflexão e debate. Que a mesma ultrapasse as barreiras físicas e arquitetônicas, de acesso, bem como os espaços destinados a uso de materiais pedagógicos. Ela, não é apenas esse processo de inclusão, é um local em que as discussões serão trabalhadas, refletidas em toda sua extensão, contribuindo assim para uma melhor convivência entre todos, onde a tolerância seja a tônica central do processo de inclusão tão em pauta. Ou seja, se faz necessário promover a inclusão de forma responsável, compartilhada e acima de tudo onde todos possam colaborar com seus sentimentos e experiências.

As TIC no processo de aprendizagem do TEA e outras deficiências necessitam estar centradas em uma proposta clara e objetiva, procurando favorecer as necessidades individuais do estudante. É necessário criar mecanismos que possam ser orientadores de como utilizar as mesmas no sentido de serem ferramentas de apoio à inclusão do alunado não apenas dentro da escola, mas, também, em todo e qualquer lugar, facilitando assim sua incursão de aprendizagem.

O uso das TIC ao ser inserido dentro da aprendizagem desses alunos tem o objetivo central de favorecer o discente para que ele possa aprender cada vez mais e melhor. Não apenas no sentido de ser uma aprendizagem rápida, mais uma aquisição de conhecimento de qualidade.

A inclusão digital precisa priorizar diferentes metodologias para ir além da linguagem computacional, colocando ênfase no conhecimento, cujo significado

possa ser potencializado nas situações reais vividas. Além disso, a inclusão digital é incessante, pois implica na estimulação e na busca constante de conhecimentos, de forma interdependente e autônoma, na perspectiva de continuar aprendendo ao longo da vida e não apenas enquanto estão nas escolas. Tal observação revela a oportunidade da inclusão digital ir além da prática pedagógica, para assumir uma dimensão de inclusão social e cultural, de inserção crítica e construtiva de todos na sociedade (CARVALHO; HABOWSKI; CONTE, 2019, p.160-161).

Ao utilizar os mais diversos meios e instrumentos das TIC que o professor tem acesso, ele valoriza uma aprendizagem voltada para um estudante mais próximo da realidade que o cerca, na qual enfatiza que cada um é diferente, que tem suas limitações, que pode contribuir para a formação de pessoas mais tolerantes, que estarão aptas a trabalharem em conjunto, respeitando suas diferenças, suas limitações e a se perceberem apenas como seres humanos independentes das suas deficiências.

Valente (1991) afirma que o uso do computador por essa população auxilia e muito o processo de aprendizagem, pois o uso dessa ferramenta vai proporcionar um trabalho bem mais lúdico e pedagógico, que tem a intenção de encantar esse aluno, ao mesmo tempo em que deve ser preparado e mediado por docentes e profissionais que estejam qualificados para trabalharem com esse público, já que a busca por uma aprendizagem de qualidade seja uma constante e que, essa aprendizagem seja vista sempre como uma vitória a cada passo alcançado.

O artigo em questão traz uma pesquisa realizada na Casa da Esperança, instituição privada, sem fins lucrativos, criada no ano de 1993, especializada no atendimento terapêutico e educacional de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e/ou outras deficiências. É considerada referência nacional e internacional na sua modalidade de atendimento, ao mesmo tempo em que mantém a maior prestação de serviços mensais no país.

A instituição sempre teve como objetivo implementar estratégias e inclusão de estudantes com o TEA e outras deficiências na sociedade e no mundo do trabalho, através de oficinas otimizadas, temática e metodologicamente para essa clientela. Envolve, para isso, uma equipe multidisciplinar que conta com pedagogos, fonoaudiólogos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, cuidadores, assistente social e médico. Contando, ainda, com um bom apoio operacional.

Em relação ao processo de inclusão se verificam atividades voltadas para a inserção do aluno junto a família, bem como para a sociedade, onde as atividades recreativas são uma constante, como: a ida dos alunos ao shopping, ao cinema, a praia entre outros. Essas ações recreativas de cunho inclusivo favorecem bastante a troca de experiências, bem como uma nova maneira do aluno construir seu próprio conhecimento do mundo que o cerca.

Já em relação à sala de informática, na qual se faz uso das TIC, percebemos o uso do computador, na qual o próprio educando é quem escolhe a atividade que deseja realizar, contribuindo assim para que esse aluno utilize a máquina como uma ferramenta, em que ela possa ser um instrumento capaz de construir novas possibilidades de desenvolvimento cognitivo, motor, social, favorecendo sua autonomia e sua autoestima.

O que se pretende dentro da instituição é trabalhar com a atenção, a concentração e o raciocínio do discente, buscando dessa maneira fazer com que ele seja protagonista de sua própria conquista, apesar da condição de ser uma pessoa com TEA e/ou outras deficiências, ao mesmo tempo em que ele é levado a ações voltadas para o mundo do trabalho, inclusive na utilização da sala de informática.

O estudo foi realizado com alunos de 16 a 36 anos de idade, que apresentam as seguintes condições: autismo, retardo mental leve, síndrome de Asperger, dificuldade aprendizagem e transtorno esquizotípico; e que frequentam a sala de informática da Casa da Esperança. Ele teve como objetivo verificar a questão do uso das TIC como processo de inclusão sócio laborativa.

Método

Este artigo caracteriza-se em um estudo que fez parte da pesquisa da dissertação de mestrado, desenvolvida no departamento de Ciências da Educação, da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira (UMa) em Portugal. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Hospital Geral Dr. César Cals/SES/SUS, através do parecer nº 917.538, nos termos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Este estudo de base qualitativa toma a pesquisa etnográfica como caminho, na qual se entende que dentro dessa abordagem, o pesquisador faz parte do universo abordado. André (2010, p.17) aponta que a etnografia “é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural”.

Lapassade (2005, p.148) em sua obra “As Microsociologias”, diz que o termo etnografia aponta para o contexto de “um povo, uma cultura”, com o qual o autor salienta a “observação participante”, onde a definição se faz presente no campo com os sujeitos da pesquisa. Para ele, a etnografia se caracteriza como uma disciplina, mas também como uma técnica de trabalho, que tem como ponto central os dados coletados ao longo de todo o trajeto investigado.

Foi utilizado o método transversal, cujos dados foram colhidos em um recorte de tempo entre os meses de agosto e outubro de 2014.

A instituição Casa da Esperança foi escolhida pelo seu trabalho com crianças, adolescentes e jovens com TEA e/ou outras deficiências. O critério para que os alunos participassem da pesquisa é que eles frequentassem a sala de informática. Porém, de acordo com a coordenação 03 indivíduos poderiam participar do estudo, já que eles além de frequentarem a organização, são sujeitos que trabalham nela, fazendo uso das TIC e que as utilizam no desenvolvimento de suas ações laborativas, o que foi prontamente aceito.

Primeiramente, foi realizado contato com a direção do estabelecimento na figura da Diretora Administrativa e o Coordenador de Oficinas, sendo solicitadas informações sobre o funcionamento do lugar, bem como dos estudantes matriculados no período de 2014. Após essa conexão inicial foi dado acesso a sala de informática e conjuntamente com o professor-orientador escolhemos os participantes do estudo. Depois de selecionados os discentes entramos em contato com os responsáveis legais dos participantes e explicamos o teor da pesquisa e solicitamos autorização para que os estudantes pudessem tomar parte da investigação. De posse da autorização demos início a observação participante.

Fizeram parte do trabalho 10 alunos que além de matriculados na instituição também frequentavam a sala de informática. O recolhimento dos dados se deu nas dependências da instituição.

A ferramenta utilizada para coleta de informações foi o uso de questionário semiestruturado, que foi elaborado pelo estudioso contendo dezesseis questões, no qual se buscou conhecer o perfil do discente, seu nível educacional, idade e tipo de deficiência, acesso às TIC, utilização da sala de informática dentro da instituição, utilização de jogos educativos, se sofreu algum tipo de preconceito e/ou estigma, atuação ou não no mercado de trabalho entre outros.

A relação de quesitos formulados versaram sobre os seguintes questionamentos:

(1) gostar de frequentar a instituição; (2) utilização da sala de informática; (3) gostar de frequentar a sala de informática; (4) tipo de ferramenta de aprendizagem que prefere utilizar; (5) saber ligar tablet e/ou computador; (6) possui tablet e/ou computador em casa; (7) frequência com que utiliza tablet e/ou computador; (8) local onde mais acessa tablet e/ou computador; (9) utilização de jogos educativos; (10) atração ao utilizar jogos educativos; (11) conta de e-mail ou redes sociais; (12) frequenta escola de ensino regular; (13) frequenta lugares públicos; (14) sofreu algum tipo de preconceito e/ou estigma; (15) vontade de trabalhar; (16) atua ou atuou no mercado de trabalho e qual cargo exercido.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de agosto e outubro de 2014 nas dependências da Casa da Esperança, no horário vespertino e em nenhum momento as atividades clínicas-escolares sofreram interferências. O processo de escuta dos alunos ao responder os questionamentos foi realizado através do acompanhamento do professor-orientador e na ausência dele, um funcionário do estabelecimento sempre se fez presente. Todos os responsáveis legais dos pesquisados foram informados do teor do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, garantido dessa forma de maneira voluntária, a confidencialidade e o anonimato dos discentes e que foram descritos através da sigla A (Aluno) seguido de uma numeração, dando assim um caráter sigiloso na identificação. O tempo aproximado para o preenchimento do questionário se deu aproximadamente em torno de 78 minutos. O pesquisador realizou a entrevista de maneira individual e as respostas colhidas foram gravadas e transcritas de maneira literal, sendo analisadas posteriormente.

Apresentamos abaixo o quadro com as características gerais dos alunos que fizeram parte da pesquisa.

Quadro 1 – Características Gerais dos Alunos

Aluno	Idade	Sexo	Laudo	Nível educacional	Frequenta ou não frequenta a escola regular	Trabalha ou não trabalha
A-01	25	M	TEA	Cursando o ensino fundamental na modalidade EJA	Não frequenta	Não trabalha
A-02	36	M	Retardo mental leve	Ensino fundamental concluído	Não frequenta	Não trabalha
A-03	30	M	TEA	Cursando o ensino fundamental na modalidade EJA	Não frequenta	Não trabalha
A-04	17	M	Síndrome de Asperger	Cursando o ensino fundamental na modalidade EJA	Frequenta	Não trabalha
A-05	28	F	Dificuldade de aprendizagem	Não sabe ler e nem escrever	Não frequenta	Não trabalha
A-06	16	M	TEA	Cursando o ensino fundamental	Frequenta	Não trabalha
A-07	32	F	Retardo mental leve	Ensino médio completo	Não frequenta	Trabalha
A-08	33	M	TEA	Ensino médio completo	Não frequenta	Trabalha
A-09	32	M	Transtorno esquizotípico	Cursando o ensino fundamental na modalidade EJA	Frequenta	Não trabalha
A-10	24	M	Síndrome de Asperger	Cursando ensino médio	Frequenta	Trabalha

Fonte: Dados do pesquisador, 2014.

Resultados e Discussão

Foram entrevistados 10 (dez) alunos, dos quais apenas 20% dos participantes pertencem ao sexo feminino; 80% restante são do sexo masculino. Em relação à idade dos participantes pesquisados a faixa etária está compreendida entre 16 e 36 anos de idade.

Analisando as respostas dadas pelos entrevistados relativos à pergunta um sobre se gostam de frequentar a instituição (Casa da Esperança), os indivíduos responderam da seguinte maneira: 90% apontam que gostam de frequentar, enquanto que 10% afirmam que não gostam.

O A-04 indicou em sua fala que: “É muito chato frequentar a Casa da Esperança”. A fala do A-04 não condiz muito com o que foi observado na instituição. De acordo com o

que foi colhido no diário de bordo, nas observações participantes e conversas informais mantidas com os vários os alunos, eles realmente gostam de frequentar o lugar. Existe uma relação de confiança entre os indivíduos que lá estudam e os profissionais que lá trabalham facilitando assim um melhor entendimento do processo de construção do conhecimento por parte dos alunos e de suas famílias.

Em relação à questão número dois, verificamos que 60% dos entrevistados utilizam a sala de informática, enquanto que os 40% restante informam que não a usam. Diante das respostas colhidas, a fala de A-04 é muito elucidativa, já que: “gosto da sala onde tem o computador”.

Ainda em relação à sala de informática 60% gosta de frequentar a sala de informática. Já para 40% dos pesquisados, afirmam não gostarem da frequentar a mesma (questão número três).

Observando os alunos a trabalharem com o uso de computadores em sala de aula, percebe-se que eles estão à vontade. A sala de aula é trabalhada de forma participativa; há uma interação entre a máquina e o aluno, bem como os alunos quando conseguem realizar determinadas atividades, eles sentem-se felizes.

De acordo com o que conseguimos detectar na sala de informática, ela é praticamente frequentada por alunos do sexo masculino, uma particularidade que chamou muita atenção. Quando questionamos o professor-orientador, ele argumentou que: “O maior número de frequentadores é de meninos. É difícil as alunas meninas frequentarem a sala de informática. Porém, existe o caso de uma determinada aluna que aparece remotamente para desenhar no computador. No caso específico dela, os desenhos realizados são relativos às roupas para as suas bonecas. Eu sei que ela tem o maior talento para o desenho e sabe manusear o programa para fazer os desenhos. Seria bem legal se ela pudesse frequentar a sala de aula de forma mais rotineira. Eu já tentei falar com ela, mas ela disse que é só quando vem à imagem na cabeça que ela aparece para desenhar”.

A afirmação acima corrobora com o pensamento de Blikstein (2012, p.15) quando reflete que:

a sala de aula condiciona o aluno a reprimir uma série de comportamentos e a reforçar outros. Quando você oferece um ambiente que não tem essas regras, no

qual ele pode falar, interagir e tentar alguma coisa, você reforça atitudes que são importantes para a criatividade, ao passo que a sala de aula tradicional reforça os hábitos ideais para a reprodução industrial do conhecimento. É crucial ter na escola esses espaços que não sejam salas de aula, que sejam uma sala de criação, de invenção. Assim como tem a biblioteca, deveria ter em toda escola uma “sala de criação”.

De acordo com a citação acima, se faz necessário criar ambientes que possam ser utilizados como locais de criação. Onde seja possível que cada um dos frequentadores se sinta estimulado e motivado a colocar em prática toda sua criatividade. Na qual ele não venha a ser tolhido no ato da sua criação. Salientamos que a sala de informática pode muito bem ser esse lugar, já que conforme as respostas dadas pelos alunos participantes, ela é uma sala onde a grande maioria gosta de frequentar e estar, ao mesmo tempo que ela esteja a serviço de todos independentemente de gênero.

Ressaltamos ainda que 30% dos entrevistados não mais frequentam a sala de informática. Porém, trabalham na instituição no setor de marcação de consultas, onde o uso da informática é uma prática comum e constante, bem como o acesso à internet. Eles estão sempre participando de oficinas e/ou tratamentos auxiliares, como sessões de psicoterapia, terapia ocupacional entre outros.

Na questão quatro foi perguntado ao aluno que tipo de ferramenta de aprendizagem ele preferia usar. De acordo com as respostas colhidas, 30% escolheram o uso do tablet; 50% indicam o microcomputador como alternativa; e, 20% escolheram a opção outros.

Verificamos que o uso do tablet foi citado pelos participantes A-01, A-04, A-06 na qual apontaram o uso da ferramenta como: “mais fácil de mexer com a mão e de carregar de um lado para o outro”.

Analisando as falas acima, as tecnologias móveis facilitam imensamente o processo de aprendizagem, já que através do ato de *carregar*⁵ essa ferramenta, descentralizamos a gestão do conhecimento. É possível se ver aprendendo sozinho em qualquer lugar. Nesse sentido, foi possível observar e relatar no diário de bordo que alguns alunos utilizam celulares nas mais diversas áreas da Casa da Esperança, onde acessam constantemente as

⁵ Grifo nosso.

redes sociais e ainda trocam informações com colegas mais próximos através do “WhatsApp”.

Os alunos A-07 e A-10 apontaram a opção outros, onde indicaram livros e revistas como formas de aprendizagem. A fala de A-07 aponta para: “não gosto de usar computador para aprender, confio no que os livros trazem escritos. Eu gosto de riscar no livro e no computador eu não risco”.

Já para A-10 diz que “o computador só serve para eu acessar jogos, redes sociais, conversar com outras pessoas. Eu só gosto de estudar usando os livros que os professores usam. Confio nos professores. Eles estão sempre certos, se eles não usam computador na sala, então não serve né?”.

Os referidos alunos afirmam em suas assertivas que não gostam de usar as ferramentas tecnológicas e não acreditam que elas sirvam para aprender, confiando apenas no que os professores ensinam através dos livros. Observamos que estes não conseguiram perceber o uso desta tecnologia como mecanismo a mais no processo de ensino e de aprendizagem, conforme afirma Mainardes (2012) *apud* Souza Júnior (2015, p.76):

os tablets não substituem o material didático, mas são usados de forma individualizada, como ferramenta de apoio com uma gama de opções: livro digital, lista de exercícios, laboratórios virtuais, simuladores, animações, filmes e jogos educativos.

Entendemos que o uso dos equipamentos tecnológicos não são apenas modismos. Pelo contrário, elas revolucionaram o mundo que aí se encontra. Para o MSI/Livro Verde (1997, p.37) “a Sociedade da Informação é uma sociedade do primado do saber”. Ou seja, é preciso utilizar as TIC como aparelhagens potencializadoras da aprendizagem, favorecendo assim o sujeito a buscar seu próprio conhecimento, bem como a construção da sua formação não apenas acadêmica, mas, também humana.

A implantação de toda e qualquer estrutura dentro do processo educativo é bastante complicada. Entretanto, não é possível ficar à margem dos avanços tecnológicos que aí se encontram e que estão a bater na porta o tempo todo. É preciso se adaptar aos novos tempos e tentar acompanhá-lo. O uso da tecnologia favorece e estimula a

criatividade. Porém, Blikstein (2012, p.14) afirma que é necessário “ter uma atitude correta para lidar com o computador dentro do ambiente de ensino”.

Ao ser perguntado na quinta questão se sabe ligar a máquina (computador, tablet), obtivemos como resposta os seguintes índices: 80% afirmam saber ligar o equipamento; 20% restante diz não saber ligar.

A resposta que mais chamou atenção foi a de A-10 que trabalha na área de marcação de consultas da instituição, pois segundo ele: “quando eu chego aqui, o meu computador que eu uso já tá ligado. Nunca ninguém pediu para ligar ele”. O aluno foi questionado se ele sabia realmente ligar o computador. Ele não respondeu. Falou apenas: “não quero falar”. O que foi plenamente respeitado.

Em relação à pergunta seis sobre possuir tablet e/ou computador em casa, 30% responderam que possuem, mas sem acesso à internet. Os 70% restante indicaram que possuem e têm acesso à internet.

Entendemos que ao usar o tablet e/ou computador com acesso à internet favorece a busca pela construção do conhecimento. O ingresso à informação não é algo de uso exclusivo da escola. Pelo contrário, as pessoas podem aprender em qualquer lugar e em qualquer horário. A busca pelo saber está em todo lugar. Seja na escola, em casa ou até mesmo em uma quadra esportiva assistindo a um jogo de basquete. Se faz necessário pensar nas mais diversas maneiras e possibilidades da tecnologia promover esse aprendizado que aí se encontra a disposição de todos.

Na pergunta de número sete tratamos sobre a frequência do uso de tablet e/ou computador. As respostas colhidas demonstraram que 80% dos participantes os utilizam com bastante assiduidade. Entendemos que eles possuem autonomia para utilizarem as ferramentas tecnológicas.

Os 20% restante da pesquisa, ou seja, A-06 e A-09 indicaram que sempre recebem ajuda de alguém de casa para acessar esses apetrechos. De acordo com eles, os irmãos são as pessoas que os ajudam nessa empreitada.

Entendemos que toda ajuda é sempre bem-vinda, pois tem o intuito de favorecer o aprendizado não só a pessoa com TEA e/ou outras deficiências, mas também qualquer indivíduo.

Porém, acreditamos que é necessário criar um ambiente mais autônomo para que os sujeitos se sintam capazes de construir seus próprios caminhos, bem como possam tomar decisões de forma que eles deixem de ser passivos e passem a se verem detentores de seus conhecimentos. Tomando para si a responsabilidade de trilhar sua própria estrada, mesmo que esta seja sempre monitorada de perto pelos seus tutores. Dessa forma é possível garantir certo grau de autonomia, bem como o incluímos dentro da sociedade.

Na questão oito indagamos em que local o alunado mais acessa o tablet e/ou computador fora da instituição. Obtemos como resposta os seguintes posicionamentos: 80% afirmam que acessam em casa; 10% indicam que utilizam a *lan house* como local de acesso; e, os 10% restante não acessam em nenhum lugar a não ser na instituição.

Percebemos que a maioria dos estudantes acessa o tablet e/ou computador em casa, favorecendo assim a aprendizagem, conforme os relatos dos alunos A-01, A-03, A-04, A-05, A-06, A-07, A-08 e A-10.

Em relação ao não acesso por parte de A-02, o aluno só usa na instituição. Ele afirma em sua fala que: “na minha casa tem computador, mas ninguém lá deixa eu mexer. Eles acham que eu vou quebrar. Se bem que eu mexo quando não tem ninguém por perto”.

O uso das novas tecnologias deve ser estimulado não apenas pelo professor-orientador da sala de informática, mas também pelos pais e familiares de modo geral. Pois, vivemos em uma sociedade que utiliza as novas tecnologias todos os dias, desde as mais simples tarefas como uso do micro-ondas e da TV, como o acesso a transferências bancárias via um simples toque na tela de um aparelho eletrônico. É necessário incentivar nossos alunos e filhos para a descoberta de um mundo sem igual, cheio de possibilidades, que se descortina o tempo inteiro e que tem um apelo sem precedentes na construção do conhecimento, da aprendizagem.

A nona questão versou sobre a utilização de jogos educativos, 80% dos participantes entrevistados apontaram saber fazer uso deles; já 10% dos pesquisados indicam que utilizam às vezes; e, para os outros 10% restante da pesquisa afirmam em suas falas “que não sabem usar”.

Através das nossas observações e conversas A-02 diz em sua fala “o jogo educativo é bom, é como brincar. Muitas vezes eu não sei jogar, preciso de ajuda. E quem sempre me ajuda aqui é o professor L.”.

Já A-05 afirma que “não sei como jogar o jogo no computador, e aí eu peço ajuda o tempo todo. Eu chamo o professor L. o tempo todo. Às vezes ele vem, em outras vezes ele demora, porque ele tá conversando com outro coleguinha que chamou ele primeiro, e aí eu fico esperando”.

Através das falas dos alunos se percebe de maneira muito clara que, o professor-orientador tem muita dificuldade para atender todos os discentes ao mesmo tempo, já que ele atua sozinho dentro da sala de aula. Porém, visualizamos que ele prioriza mais aqueles que sabem utilizar os programas que utilizam jogos educativos, e, só depois, ele dá atenção aos alunos que tem dificuldade para aprender a lidar com a máquina, bem como entender o que o jogo educativo solicita como atividade.

No item dez perguntamos o que mais atrai no jogo educativo. Recebemos como resposta os seguintes dados: 30% apontaram que as cores chamam a atenção, ou seja, quanto mais colorido mais chamativo; de acordo com 40% dos participantes indicam que o jogo educativo é divertido; os 30% restante afirmam que é de fácil compreensão, facilitando a aprendizagem deles.

O professor empreendedor tem muito mais espaço para fazer algo diferente hoje na escola do que antes. Se um professor tiver uma ideia boa e for atrás, ele consegue recursos para, pelo menos, começar alguma coisa. Nós precisamos ser mais criativos para achar essas soluções. É importante ter políticas públicas, mas é importante também esse movimento descentralizado de inovação. (BLIKSTEIN, 2012, p.14)

Entendemos que ao utilizar os jogos educativos como construção da aprendizagem o professor-orientador pode não apenas favorecer o conhecimento, e, sim, participar conjuntamente com seus educandos, se relacionando de forma interativa buscando também aprender com seus alunos.

Ao responderem à pergunta onze, 70% dos pesquisados afirmam ter conta de e-mail e acesso à rede social. Os alunos A-01, A-03, A-05, A-07, A-08 e A-10 afirmam possuir e-mail e conta na rede social “Facebook”.

Compreendemos que ao usar a rede social “Facebook” os alunos acima descritos, estão interagindo com outras pessoas. Isso alarga muito o seu mundo, interagindo de forma a ampliar o seu conhecimento. Porém, como foi relatado pelos pais em conversas informais, “A gente fica preocupado com eles conversando com as outras pessoas. São meninos e meninas que se tiverem confiança na pessoa são capazes de segui-los para qualquer lugar”.

Cada vez mais a tecnologia faz parte da vida das pessoas. Os discentes ao informar que usam as redes sociais acenam com a possibilidade de verem aumentar sua comunicação com o mundo digital, favorecendo assim uma melhor aprendizagem, já que a grande maioria dos estudantes são bastante curiosos.

Na visão de Veen e Vrakking (2006) o *Homo Zappiens*⁶ aumentou a quantidade de informação disponível, gerando como consequência o acréscimo da aprendizagem. Entretanto, é importante que esses indivíduos, no caso específico os discentes pesquisados, não fiquem apenas restritos aos encantos dos aplicativos, mas que eles possam se apoderar das ferramentas, no sentido de trilharem caminhos partindo do mais simples para o mais complexo.

A questão de número doze abordou a frequência em uma escola de ensino regular onde a prática inclusiva é comum. Ressaltamos que foi explicado de maneira bem didática o que seria uma prática inclusiva dentro do ambiente escolar, para que os participantes soubessem responder da melhor maneira possível, mesmo que para isso utilizássemos um tempo a mais para que a compreensão sobre o tema ficasse bem entendido.

Conforme os dados obtidos, 40% informaram que frequentavam uma escola de ensino regular que adota prática inclusiva; outros 10% afirmaram que às vezes visitam com regularidade a escola. Os 50% restante indicam que não mais convivem em uma escola regular de prática inclusiva ou não.

⁶ Homo Zappiens: A nova geração, que aprendeu a lidar com novas tecnologias, está ingressando em nosso sistema educacional. Essa geração, que chamamos geração *Homo Zappiens*, cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância: o controle remoto da televisão, o mouse do computador, o *minidisc* e, mais recentemente, o telefone celular, o iPod e o aparelho de mp3. Esses recursos permitiram às crianças de hoje ter controle sobre o fluxo de informações, lidar com informações descontinuadas e com a sobrecarga de informações, mesclar comunidades virtuais e reais, comunicarem-se e colaborar em rede, de acordo com as suas necessidades (VEEN, VRANKKING, 2006, p. 12).

As falas dos estudantes nos dão uma dimensão global sobre o questionamento da frequência. Os discentes A-01 e A-10 estudam no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), onde são atendidos de forma diferenciada, de acordo com sua necessidade.

O entrevistado A-02 apontou que sua “escola era longe e ele não gostava de estudar e abandonou”. A-05 relata basicamente a mesma coisa, com o diferencial que ao estudar se cansa com rapidez. A-07 e A-08 relataram que já finalizaram os estudos, tendo concluído o ensino médio.

Os indivíduos A-03 e A-04 de acordo com suas falas alegam que são especiais e só gostam de frequentar a Casa da Esperança. A-04 afirma que tem outra escola que ele vai sempre, porém, como ele diz: “sofro muito nas mãos dos outros colegas. Ficam me batendo”.

Os sujeitos A-06 e A-09 relataram que gostam muito de estar presente na escola de ensino regular, pois os colegas que lá estão os ajudam muito nas atividades que necessitam de maior esforço. Eles afirmam que todos respeitam as suas condições. Indicam também que na escola tem outros “especiais”⁷ como eles se referem a si e aos que estão na mesma condição.

Conforme colhido nesse questionamento através das falas dos pesquisados, as instituições que os alunos A-06 e A-09 estudam apresentam uma prática inclusiva. Elas se esforçam para que os demais colegas possam ajudar na condução de aprendizado daquele indivíduo que não consegue acompanhar a turma. Isso se reflete em uma forma de fazer contato com o que é diferente. Dessa forma, é possível afirmar que o respeito é uma prática comum a todos que fazem parte da escola, acenando como uma perspectiva diferente ao trabalhar com a diversidade existente dentro dos seus muros e fora dele⁸.

A escola deve ser um lugar onde o processo de inclusão seja trabalhado por todos independente das diferenças de cada um que se encontra inserido nela, bem como fazer

⁷ Grifo nosso.

⁸ López Mellero APUD Lustosa (2009, p. 30) faz a seguinte alegação: trocar as práticas pedagógicas significa que a intelectualidade dos professores deve mudar para o respeito às competências cognitivas e culturais das pessoas diferentes, que há de mudar os sistemas de ensino e de aprendizagem, o currículo escolar e os sistemas de avaliação. “Isto é assim, e assim tem que ser”.

respeitar os direitos humanos e suas diversidades, estando dessa forma em consonância com o mundo em que vivemos e que se apresenta das mais diversas maneiras.

Não desejamos uma sociedade pautada em seres humanos iguais, e sim, que seus direitos sejam preservados e respeitados em sua diferença. Diante disso, no Brasil a Constituição Federal de 1988 aponta em seu artigo 1º, que todos são iguais perante a lei, e que não devem sofrer preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quais quer outra forma de discriminação.

A pergunta treze trouxe à tona se os participantes frequentam ou não lugares públicos. As respostas foram: 70% indicam que gostam de ir a lugares públicos; 20% afirmam não gostar; e, os 10% restante que às vezes.

Vários foram os motivos apresentados para frequentar os espaços sociais. Vejamos: A-01 informou que adora cinema e sempre vai ao shopping assistir aos filmes; já para A-02, A-04, A-05, A-07 e A-09 afirmaram que gostam porque tem muita gente e fica melhor de conversar com as pessoas.

Os indivíduos A-03 e A-06 apontam que não gostam de lugares muito cheios. O contato com as pessoas os deixa com medo. O que podemos deduzir que vai gerando uma insegurança e certo descontrole social e emocional.

A resposta dada por A-08 indica que ao estar em locais públicos, as pessoas agem de forma normal com ele. Não apresentam nenhum tipo de preconceito. Conforme o que foi relatado por ele.

Já para A-10, além de não gostar desses lugares, pois é bastante tímido para manter contato com outras pessoas. Seu olhar é constantemente voltado para baixo, no qual evita manter contato facial com qualquer interlocutor, dificultando uma aproximação maior no contato.

A pergunta de número catorze consistiu em saber sobre se os participantes entrevistados sofreram algum tipo de preconceito e/ou estigma.

De acordo com os dados colhidos, 40% apontaram que sim; 10% afirmaram que às vezes sofrem. Os 50% restante indicaram que nunca sofreram nenhum tipo de preconceito e/ou estigma por parte da sociedade.

Entretanto, o que verificamos através das conversas que tivemos ao longo da pesquisa, que o preconceito e/ou estigma são vistos como uma forma de “brincadeira”⁹, em relação aos quais o entrevistado nem sempre entende isso como uma forma de violência verbal, social, psíquica e/ou física.

Uma sociedade que exclui uma parte de seus membros é uma sociedade empobrecida. As ações que melhoram as condições para pessoas com deficiência projetarão um mundo flexível para todos. O que for feito hoje em nome da questão da deficiência terá significado para todos no mundo de amanhã (CONGRESSO EUROPEU SOBRE DEFICIÊNCIA, 2015, p.4).

Dialogando com a citação, é necessário combater todas as formas de discriminação existente na sociedade, sejam elas contra a pessoa com TEA e/ou outras deficiências, negros, homossexuais, mulheres e quaisquer outras minorias, já que é preciso provocar mudanças significativas para uma convivência pacífica e tolerante, onde todos, independentemente de suas crenças, orientação sexual, entre outras, sejam vistos e tratados apenas como seres humanos que merecem respeito e cidadania.

Na pergunta de número quinze, solicitamos aos sujeitos da pesquisa responderem sobre sua vontade de trabalhar. As respostas foram as seguintes: 60% responderam que têm vontade de trabalhar; 30% disseram que não; e, 10% afirmaram que às vezes.

As falas apontadas pelos participantes são muito elucidativas. Vamos a elas: A-01, A-02 e A-09 têm vontade de trabalhar para ganhar dinheiro, visando um futuro melhor.

É possível presumir que eles se preocupam com o futuro, já que a maioria deles, conforme acima, não trabalha e sobrevive com a ajuda financeira da família. Entendemos que o ato de trabalhar pode gerar ganhos consideráveis tanto para a pessoa com TEA e/ou outras deficiências quanto para as empresas que os contratam. Nesse sentido Batista (2004, p.164) assevera que:

a presença da pessoa portadora de deficiência pode ser benéfica para a empresa até por seus efeitos secundários, ou seja, a presença de um “estranho” na organização pode quebrar a rotina alienante do ambiente de trabalho. O processo de identificação e aceitação da própria limitação, propiciado pela afinidade com a pessoa portadora de deficiência, pode possibilitar relações mais afetivas no ambiente de trabalho e contaminar positivamente outras relações. A afirmação

⁹ Grifo nosso.

de que a presença da pessoa portadora de deficiência no ambiente de trabalho humaniza as relações supõe-se ser um processo dessa natureza.

Dialogando com a citação acima, evidenciamos que a contratação de qualquer pessoa com deficiência favorece a todos. A empresa que contrata essa mão de obra não necessita se ver como uma organização filantrópica, pelo contrário, ela precisa rastrear as áreas nas quais existem funções que podem ser preenchidas por essas pessoas.

O trabalho é visto como algo engrandecedor. Os indivíduos que não conseguem fazer parte desse mundo estão marcados pelo processo de exclusão que atinge uma boa parte da humanidade considerada “normal”¹⁰, imagina então para uma população que já é considerada como párias de uma sociedade.

O trabalho é um direito fundamental e nesse sentido Bobbio (1992, p.17) argumenta que:

a reivindicação do direito ao trabalho como direito fundamental – tão fundamental que passou a fazer parte de todas as Declarações de Direitos contemporâneos – teve as mesmas razões da anterior reivindicação do direito de propriedade como direito natural. Eram boas razões que tinham suas raízes na natureza das relações de poder características das sociedades que haviam gerado tais reivindicações e, por conseguinte, na natureza específica – historicamente determinada – daquelas sociedades.

Analisando a citação, acreditamos que o trabalho é um grande legado no processo de inclusão tanto para pessoas ditas normais e que se encontram fora do mercado de trabalho, quanto para as pessoas que apresentam algum tipo de deficiência. Entretanto, é possível indicar que o maior de todos os empecilhos para a inclusão no mercado de trabalho é o preconceito, já que a grande maioria dos possíveis colegas de trabalho geralmente os veem como um estorvo e nunca como uma possibilidade de potencialidades para o trabalho.

Uma das falas que chama bastante atenção é a de A-03 “acho que eu não sirvo para trabalhar. Sempre escuto falarem isso”. O discurso do aluno é carregado de preconceito contra ele, bem como a existência de um pré-julgamento de que deficientes não podem trabalhar.

¹⁰ Grifo nosso.

Em relação a isso, Bertolin (2006, p.168) aponta que, “a discriminação das pessoas com algum tipo de deficiência, no que diz respeito ao acesso ao trabalho, assume uma dimensão considerável, pois significa excluí-las da sociedade, negando-lhes a condição de cidadãos”. Ao negar acesso ao mundo do trabalho, estamos deixando-os à margem da sociedade; não os permitindo viver em toda sua plenitude sua condição de cidadão seja em âmbito local, regional, nacional ou mundial.

O entrevistado A-04 afirma ser legal trabalhar; A-05 quer muito trabalhar, principalmente se for com carros, afirmando que “adoro carros”. A empolgação dela é visível quando fala sobre o assunto. Fica completamente extasiada e dispara a discorrer sobre carros e suas particularidades.

Os A-07, A-08 e A-10 gostam de trabalhar. Os três são contratados da Casa da Esperança e atuam na marcação de consulta. O destaque fica por conta de A-10 que aponta que quer “crescer no emprego e se sentir bem”. Por fim temos A-06 que às vezes tem vontade de trabalhar. Porém, afirma que não gosta de rotina.

Perguntamos na questão de número dezesseis se os estudantes atuam ou atuaram no mercado de trabalho e qual o cargo exercido.

A situação encontrada foi a seguinte: 60% afirmam que não atuam no mercado de trabalho, os outros 40% restante indicam que já atuaram ou atuam no mundo laborativo. Encontramos nas falas dos entrevistados situações bem diferentes. De acordo com A-01, A-03, A-04, A-05 e A-09, eles não trabalham porque a família não deixa. Isso nos leva a presumir que a família não acredita nas suas potencialidades. Diante disso, Chacon APUD Souza Júnior (1998, p.16) afirma que:

é necessário reconhecer o direito de qualquer filho, seja ele normal ou deficiente, pois não se pode negar, hoje, a existência de conhecimento científico e de tecnologia avançada, que podem possibilitar o desenvolvimento de qualquer capacidade humana, e garantir com isso oportunidades objetivas de integração do deficiente em todos os níveis sociais.

É preciso que os pais se conscientizem dos papéis que desempenham, já que eles educam seus filhos, colaborando para que eles construam além do seu conhecimento, sua própria identidade e sua cidadania, ou seja, que possam se tornar uma pessoa com direitos e deveres na sociedade.

Dialogando com Weihs (1991), o autor aponta que os pais devem aprender a ver seus filhos não apenas como promessa, mas como um potencial que necessita ser lapidado. Onde a criança não é só aquilo que se apresenta diante dos nossos olhos e sim o que ela pode vir a ser no futuro. Independentemente da limitação do seu filho, os pais precisam apostar que esse filho pode evoluir no seu desenvolvimento social, psíquico, motor entre outros.

O participante A-02 afirma que já trabalhou e gostava muito do que fazia no seu trabalho. Os discentes A-07, A-08 e A-10 atuam no mercado de trabalho, dentro da própria instituição em que ocorreu a pesquisa.

Uma das falas que mais chamou a atenção foi a de A-04, na qual ele informa que “não serve para o trabalho”. É uma afirmação muito forte, carregada de preconceito contra sua pessoa, pois, conforme a questão de número sete, aponta que o “trabalho é legal”. Se faz necessário investigar mais profundamente A-04, pois ele tem uma certa conscientização das suas limitações e se considera como “uma pessoa especial”, conforme resposta dada na questão de número cinco.

Em relação a atuação aos cargos já exercidos ou em exercício temos a seguinte configuração: A-02 já trabalhou em um supermercado como empacotador e hoje não mais desempenha nenhuma atividade de cunho trabalhista. Os alunos A-07, A-08 e A-10 ocupam o cargo de agentes administrativo na Casa da Esperança, realizando atividades ligadas ao uso da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC) no seu cotidiano.

Uma curiosidade que chama a atenção na fala de A-06 é que o participante deseja trabalhar criando jogos eletrônicos para celular. Para ele é um sonho que ainda vai se tornar realidade.

Considerações finais

Uma instituição educacional é um ambiente onde é possível priorizar uma aprendizagem de qualidade e que faça com que o indivíduo possa vir a ser um sujeito reflexivo e crítico. Ao empregar o uso das TIC em suas fileiras, ela colabora para que o seu alunado seja o protagonista da construção da sua própria aprendizagem, levando-os a

buscarem trabalhar não apenas de forma individual, mas também no sentido coletivo, já que todos estão no mesmo caminho em busca do “Santo Graal”¹¹ que é a procura pelo conhecimento através da autonomia e senso de responsabilidade.

Essa nova forma de aprendizagem, pautada no conhecimento, bem como voltada para que o aluno seja a figura principal da sua própria organização do seu aprendizado, já começou a contribuir de forma significativa na maneira da sociedade pensar, pois as respostas são dadas de forma mais rápida, os problemas são solucionados com mais precisão, superando assim as dificuldades que são apresentadas ao longo do processo histórico da humanidade.

O que se sabe é que o uso das TIC é um desafio para os educadores, pois eles devem construir uma aprendizagem mais completa, na qual seja possível explorar o uso da tecnologia para que os estudantes possam fazer uso adequado dessa tecnologia, contribuindo assim para um estudo mais aprofundado.

O sucesso educacional só poderá acontecer se todos os cidadãos do planeta tiverem consciência do seu papel na construção de uma sociedade mais justa, solidária e sustentável, voltada para um ambiente onde as oportunidades possam ser compartilhadas por todos, inclusive com os sujeitos com TEA e/ou outras deficiências.

É preciso lembrar que para atingir os objetivos educacionais voltados para uma educação de qualidade utilizando as TIC, faz-se necessário direcionar mudanças também na formação dos profissionais, bem como valorizar as vitórias e evoluções dos estudantes. Precisamos reunir o que cada cultura, cada sociedade tem de melhor para buscar as melhores soluções para os problemas que despontam no mundo. É cultivar a busca pela construção do conhecimento coletivo, onde todos possam realmente fazer parte de uma sociedade igualitária, que esteja em harmonia com a prática inclusiva, na qual ninguém pode ser discriminado, excluído devido a sua cor, orientação sexual, religião, deficiência entre outras.

O processo de aprendizagem não se dá apenas dentro dos muros da escola. Ele conseguiu ultrapassar suas fronteiras. Nossos alunos percorrem a construção do

¹¹ Grifo nosso.

conhecimento através de um click, podendo fazer uma leitura de mundo de diversas formas. É dever de todos pensarem o sistema escolar como um lugar em que se pauta na questão de como, para quê e de que forma aprender.

Analisando a realização da pesquisa, fica claro que o uso de ferramentas tecnológicas traz benefício para os discentes pesquisados, principalmente porque a condução da busca pelo saber na instituição Casa da Esperança se faz de forma em que colabora para uma aprendizagem compartilhada, onde cada estudante tem seu tempo de maturação respeitado e isso se traduz de maneira clara nas falas colhidas ao longo do estudo.

Entendemos que ao aprender, o indivíduo não apenas transforma a si próprio internamente, mas também seu corpo e suas atitudes vão evoluindo ao longo de sua trajetória de vida. Ele vai incorporando novos aprendizados, novas experiências.

Conforme as questões levantadas ao longo do estudo podemos indicar que: i) os alunos da instituição têm prazer em utilizar as TIC, principalmente utilizando a internet, com o uso das redes sociais; ii) o uso de jogos educativos também é uma prática bastante comum entre os entrevistados, que pode ser encarado como um mero passatempo, mas para a população pesquisada tem por objetivo que é o de favorecer a aprendizagem, bem como excitar a concentração dos alunos; iii) o uso das TIC é uma característica quase que exclusivamente masculina, mas que isso não impede o sexo feminino de estar presente na sala de informática; iv) percebemos que os indivíduos pesquisados apresentam certa forma de autonomia em suas decisões apesar de suas limitações, principalmente aqueles que já estão inseridos no mercado de trabalho e que são considerados com deficiências mais leves. Fica evidente que esses sujeitos seguem tratamentos terapêuticos que são de grande valia para sua inserção na sociedade e na questão laborativa; v) a Casa da Esperança se preocupa muito com a inserção do seu alunado na questão trabalhista e para isso ela realiza oficinas que servirão para alocar seus discentes nas mais diversas atividades de trabalho. Entretanto, vale destacar que não existe nenhum curso voltado para o uso das TIC, mesmo sabendo que 03 do total de pesquisados são contratados da instituição e utilizam as ferramentas tecnológicas em seus afazeres na área de marcação de consulta onde atuam; vi) mesmo sabendo que através da Lei 8.213/91 existe a necessidade de

empresas com mais de 100 empregados contratarem mão de obra com deficiência percebemos que isso nem sempre será possível por conta do receio do empresariado em contratar alguém fora do padrão dito “normal”¹²; vii) acreditamos que o processo de uso das TIC é uma constante na instituição. Sua utilização tem de ser vista como algo inovador dentro das limitações da instituição que além de sobreviver através de doações e parcerias junto à Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc) e Sistema Único de Saúde (SUS), tem de considerar à própria limitação do seu alunado.

Apontamos aqui que o processo de construção do conhecimento assume hoje uma parceria com as novas tecnologias, na qual, através dos mais diversos tipos de acessos, colaboram para um crescimento e desenvolvimento dos próprios discentes.

Por fim, no decorrer de toda investigação, acreditamos que o uso das TIC como ferramenta tecnológica, que se faz presente na instituição, rompe com a ideia de uma sala de aula tradicional, e que busca na figura do professor-orientador da sala de informática favorecer a construção do conhecimento pautado sempre nas potencialidades dos seus alunos, e que se mostrou evidente nas falas colhidas ao longo do estudo.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Papirus: São Paulo, 2010.

BATISTA, C. A. M. **Inclusão: construção na diversidade**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2004.

BERTOLIN, P. T. M. A discriminação às pessoas com deficiência nas relações de trabalho. **Revista de direito do trabalho**, São Paulo, SP, v. 32, n. 124, p. 166-182, out./dez. 2006.

BLIKSTEIN, P. Tecnologia e criatividade na sala de aula. **Revista Gestão Educacional**. São Paulo-SP-Brasil. Humana Editorial. Jul. 2012.

BOBBIO, N. **A Era dos Direitos**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

CARVALHO, R. E. **Temas em educação especial**. Rio de Janeiro. Ed. VWA. 1998.

¹² Grifo nosso.

CARVALHO, C. E. O.; HABOWSKI, A. C.; CONTE, E. A inclusão digital de crianças com múltiplas deficiências na escola. **Revista Linhas**, [S. l.], v. 20, n. 42, p. 153 - 176, 2019. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723820422019153>. Acesso em: 21 mai. 2021.

CONGRESSO EUROPEU SOBRE DEFICIÊNCIA. **Declaração de Madrid**. Lerparaver, dezembro 2005. Disponível em: <<http://www.lerparaver.com/madrid.html>>. Acesso em 23 jan.2015.

GLAT, R. (Org.). **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

LAPASSADE, G. **As Microsociologias**. Série Pesquisa em Educação. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

MANUAL MSD – versão para profissionais de saúde. <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/pediatria/dist%C3%BArbios-de-aprendizagem-e-desenvolvimento/transtornos-do-espectro-autista>. Acesso em: 21.mai.2021.

MISSÃO PARA A SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO (MSI). **Livro Verde Para a Sociedade de Informação em Portugal**. Disponível em: <<http://www.pedroveiga.nome.py/LivroVerde1997.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2012.

SOUZA JÚNIOR, M. **Inovação Pedagógica: o uso de TIC na inclusão sócio-laborativa de pessoa com necessidade especial**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade da Madeira – UMA. Funchal-PT, 2015.

_____. **A influência de irmãos ouvintes no processo de integração social de irmãos surdos**. 1998. Monografia (Especialização em Educação Especial) – Universidade Federal do Ceará – UFC. Fortaleza-CE, 1998.

VALENTE, J. A. (Org.). **Liberando a mente: computadores na educação especial**. Campinas: UNICAMP, 1991.

VEEN, W.; VRAKING, B. **Homo Zappiens: educando na era digital**. Tradução Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed. 2006.

WEIHS, T. J. **Crianças que necessitam de cuidados especiais**. Tradução Elaine de Marco. 2ª. ed. São Paulo: Ed. Antroposófica, 1991.